



**ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
DE
AMARELEJA**

ATA N.º 10

-----Aos 15 dias do mês de maio de dois mil e quinze, pelas vinte e uma horas e trinta minutos, no salão nobre da Casa do Povo de Amareleja, teve lugar uma sessão extraordinária da Assembleia de Freguesia com a seguinte ordem de trabalhos: -----

Ponto 1: Discussão sobre a temática do Regimento Interno da Assembleia de Freguesia.

Ponto 2: Informação.

ABERTURA OFICIAL DA SESSÃO -----

----- **O senhor Presidente da Assembleia**, António Branco Angelino, após verificar a existência de quórum deu início à sessão eram vinte e uma horas e quarenta e um minutos, cumprimentou todos as presentes passando em seguida à leitura da ordem de trabalhos. Antes de iniciar a ordem de trabalhos informou que o primeiro ponto tinha sido requerido pelos eleitos da bancada da CDU e que o segundo ponto tinha sido indicado pela própria mesa da Assembleia. -----

----- **PRESENCAS** -----

----- **Registaram-se as seguintes presenças:** António Branco Angelino, Agostinho de Jesus Oliveira Caro, José Carlos Lucas Batista, Nélia Sofia Moreira Marvão, Manuel Estevão Marques Martins, Carla Alexandra Ramos Dias, Fábio José da Conceição Branco, Mário Filipe Grosso Campaniço e Nelson Manuel Cascalhais Mendes. -----

----- **AUSÊNCIAS** -----

----- Não esteve presente na sessão a senhora Maria da Conceição Pereira Antunes Batista, tendo sido substituída pelo senhor Nelson Manuel Cascalhais Mendes. -----

----- **PRESENCIA DOS ELEITOS DA JUNTA DE FREGUESIA**-----

----- Esteve presente na sessão o Presidente do executivo António José Valadas Gonçalves. Sendo que a tesoureira Florbela Fontes Bonito faltou por



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

motivo de doença e o secretário Alfredo Manuel Frasquilho Guerra faltou por estar a substituir o senhor Presidente do Executivo na Assembleia Municipal. --

ORDEM DE TRABALHOS-----

----- **Ponto 1: Discussão sobre a temática do Regimento Interno da Assembleia de Freguesia.**

----- **O senhor Presidente da Assembleia** abriu a discussão relativamente ao primeiro ponto da ordem de trabalhos, perguntou quem era o porta-voz da bancada da CDU e disse que uma vez que este ponto tinha sido incluído na ordem de trabalhos por solicitação daquela bancada pedia o favor de se pronunciarem sobre o mesmo. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que os eleitos da CDU tinham solicitado esta Assembleia para tratarem novamente do assunto do Regimento. Disse que a posição dos eleitos da CDU, relativamente à obrigatoriedade da existência de um Regimento na Assembleia de Freguesia mantinha-se. Disse que para além de ser obrigatório perante a lei, era um documento importante e que fazia falta na Assembleia. Disse que os eleitos da CDU tinham entregue, à Assembleia, uma proposta de Regimento há mais de um ano, tendo manifestado interesse em discutir a proposta em dezembro de 2013 e novamente em fevereiro de 2014. Disse que os eleitos da CDU mantinham a intenção de criar um grupo de trabalho e de fazer aprovar um Regimento para utilizar na Assembleia. Disse que a proposta que enviaram à Assembleia nem chegou a ser discutida e nem sequer tinha sido colocada à votação. Perguntou em seguida se os eleitos da bancada da Lista Independente tinham alguma proposta de Regimento para apresentar. Disse que a ANAFRE já tinha dado o seu parecer sobre esta matéria e que segundo esse parecer o Regimento seria obrigatório nas Assembleias. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que a senhora Nélia tinha referido uma questão que tinha a ver com a obrigatoriedade perante a lei, da existência de um Regimento. Disse que se era legal a utilização de um



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

Regimento, então seria ilegal a não utilização do mesmo, perguntando se era isso que a senhora Nélia teria querido dizer. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que não tinha dito isso. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia perguntou se a senhora Nélia estava a dizer que o que era legal era a existência de um Regimento. -----

----- A senhora Nélia Marvão confirmou. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que então o que senhora Nélia Marvão estaria a querer dizer era que se não houvesse seria ilegal. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse mais uma vez que não tinha dito isso.-----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que isso seria como a “Lei de La Palisse” e que se não era uma coisa seria outra. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que o Regimento era obrigatório e disse que não percebia qual era a ideia do senhor Presidente, mas que deveria ser a de a estar a confundir por não saber das leis. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que a senhora Nélia Marvão ao dizer que o Regimento era obrigatório tinha que fundamentar essa obrigatoriedade. Disse que se estava na fase de discussão da proposta e que se os eleitos da CDU tinham solicitado o primeiro ponto da ordem de trabalhos em que se pede a discussão da temática do regimento, dizendo que o mesmo era obrigatório, então na sua opinião tinham que fundamentar essa obrigatoriedade. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que essa obrigatoriedade estava fundamentada no artigo 10.º da Lei 75 de 2013, na parte que respeita às competências da Assembleia. Leu em seguida o artigo, dizendo “compete à Assembleia de Freguesia elaborar e aprovar o seu regimento”. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que era uma competência mas não uma obrigatoriedade. Perguntando à senhora Nélia onde é que dizia que era obrigatório. -----



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

----- A senhora Nélia Marvão leu o n.º 2 do artigo 1.º da Lei 75 de 2013, dizendo que “as normas constantes da presente Lei são de aplicação imperativa e prevalecem sobre as normas especiais atualmente em vigor”. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia perguntou mais uma vez onde é que estava a obrigatoriedade. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que na parte onde refere que as normas constantes na lei são de aplicação imperativa. -----

----- O senhor Presidente disse que o que era imperativo, era o cumprimento da Lei n.º 75 de 2013. Disse que gostaria que a senhora Nélia dissesse à Assembleia onde é que estava a obrigatoriedade da existência de um regimento ou um regulamento interno para reger as Assembleias de Freguesia. Disse que aquilo que a senhora Nélia tinha referido era que essa era uma das competências da Assembleia mas não uma obrigatoriedade, dando como exemplo uma outra competência da Assembleia relacionada com a autorização para o Executivo poder contrair empréstimos e dizendo que também era uma competência mas não constituía uma obrigatoriedade se não fosse contraído o empréstimo.-----

----- A senhora Nélia Marvão disse que não queria fundamentar mais dizendo que os eleitos da CDU tinham entregue aquela proposta há mais de um ano. Disse que a posição dos eleitos da CDU se mantinha e que continuavam a querer a constituição de um grupo de trabalho para elaboração do Regimento a utilizar na Assembleia de Freguesia. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia leu do Código do Procedimento Administrativo, que rege os órgãos da Administração Pública, o n.º 2 do artigo 20.º respeitante à natureza e regime dos órgãos, dizendo “os órgãos colegiais podem adotar o seu regimento no quadro das normas legais estatutárias aplicáveis”, disse que era o código do Procedimento Administrativo que continha os procedimentos que tinham que ser adotados pelos órgãos colegiais, explicando o que eram órgãos colegiais. Disse que o código do Procedimento Administrativo era imperativo e que não colidia de forma



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

nenhuma com a Lei n.º 75 de 2013. Disse que no artigo que leu refere que os órgãos colegiais podem adotar o regimento no quadro das normas legais e que se não o adotarem devem reger-se pelas normas legais, dizendo que era isso que vinha acontecendo na Assembleia. Disse que no anterior mandato sempre se regeu pela lei das Autarquias locais, e que quando se iniciou o novo mandato tinha sido suscitado pela bancada da CDU que tinha que haver um regimento. Disse que essa pretensão já tinha sido trazida à discussão da Assembleia, referindo-se à sessão de 23 de novembro de 2013. Disse que essa pretensão tinha sido rejeitada, dizendo que a maioria tinha manifestado a vontade de continuar a reger-se pela Lei das Autarquias Locais e não pelo regimento. Disse que o regimento era um conjunto de normas internas que não podiam ir contra a Lei Geral. Disse que eram normas que eram combinadas e aprovadas na Assembleia mas que não podiam extravasar a Lei Geral, pois nesse caso seria ilegal, disse referindo-se ao uso do regimento que era como trabalhar com “um colete de forças”. Disse que nessa altura os eleitos da lista independente defenderam que as Assembleias deveriam reger-se pela Lei das Autarquias Locais e pelo Código do Procedimento Administrativo e que mantinham essa posição. Disse que a interpretação dos artigos não era difícil e que qualquer pessoa os podia interpretar e perceber o que lá estava. Disse que esta forma de reger as Assembleia dava muito mais liberdade e que se podia na Assembleia trabalhar em normas e em conjunto de ideias que possam de alguma forma salvaguardar os interesses do povo da Amareleja. Disse que nessa Assembleia que referiu tinha dito que não era uma imperatividade da Lei, disse que os eleitos da lista independente mantinham a sua posição. Disse que tinha em seu poder a proposta de Regimento apresentada pela bancada da CDU e disse que se os eleitos da CDU entendessem coloca-la à votação, iria ser colocada à votação, mas que os eleitos da CDU tinham que ser democráticos o suficiente para perceber que em caso de rejeição, e estando os eleitos da CDU em minoria, iriam continuar a reger-se pela Lei das Autarquias Locais. Perguntou se os eleitos da CDU tinham essa perceção e se queriam



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

realmente colocar a proposta à votação. Disse que da conclusão dessa votação, não admitia mais requerimentos para Assembleias Extraordinárias, dizendo que nessa Assembleia já tinha sido colocado esse ponto, exatamente para evitar mais marcações de Assembleias Extraordinárias. Disse que era também uma questão de economia processual e financeira, dizendo que cada Assembleia custava aos cofres da Junta de Freguesia mais de 500,00 €. Disse que não estava para delapidar os cofres da Junta fazendo Assembleias a requerimento da bancada da CDU com o mesmo tema, dizendo que admitia temas de interesse e que nesse caso estaria sempre à disposição. Disse que gostaria que os eleitos da CDU pensassem bem se querem colocar a Proposta à votação, mas que os mesmos deveriam ficar cientes que se teriam que cingir ao resultado dessa votação. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que os eleitos da bancada da CDU eram democráticos e lembrou que até traziam para a Assembleia propostas para discussão relacionadas com assuntos de interesse para a freguesia. Disse que os eleitos da lista independente é que não pareciam ser muito democráticos pois nem tinham estudado a proposta, tendo-a chumbado sem ao menos a terem lido. Disse que na sua opinião essa atitude é que não era democrática. –

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que as bancadas tinham ideias diferentes. Perguntou qual seria a falta de democracia dos eleitos da sua lista por recusarem uma ideia com qual não queriam trabalhar. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que pelo menos seria bonito que os documentos entregues à mesa pelos eleitos da CDU fossem lidos, dizendo que quando a proposta foi entregue nem foi colocada à votação. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que a senhora Nélia não podia afirmar isso pois não sabia se ele próprio tinha ou não lido a proposta, em seguida interpelou o senhor Nelson Mendes por o mesmo se estar a rir. -----

----- O senhor Nelson Mendes disse que achava estranho que a proposta tenha sido rejeitada na própria Assembleia em que foi entregue e que tenha



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

sido lida depois. Perguntando do que tinha valido ler a proposta se esta já tinha à partida sido rejeitada. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que leu a proposta e que estava na Assembleia para a discutir. Disse que não havia falta de democraticidade na sua lista e que entendiam que os trabalhos deveriam ser regidos pela Lei geral das Autarquias Locais. Disse que respeitava a intenção dos eleitos da CDU, que queriam a utilização de um Regimento, mas que os eleitos da sua lista queriam a Lei Geral. Disse que eram duas hipóteses compatíveis, disse que a lista Independente tinha maioria e que os eleitos da CDU tinham que respeitar essa maioria. Disse novamente que os eleitos da sua lista pretendiam trabalhar com a lei Geral das Autarquias Locais e perguntou se os eleitos da bancada da CDU ainda queriam votar a proposta que apresentaram. -----

----- O senhor Agostinho Caro perguntou se a ANAFRE obrigava ou não a utilizar o Regimento, dizendo que havia um parecer da mesma nesse sentido.--

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que a ANAFRE não obrigava ninguém, disse que a ANAFRE era apenas a Associação Nacional de Freguesias, disse que uma grande percentagem das freguesias não pertenciam à ANAFRE, dizendo que a freguesia de Amareleja era associada. Disse que tal como os da Provedoria de Justiça, os pareceres da ANAFRE também não eram vinculativos, dizendo que o que vinculava era a lei. Disse que estava tudo escarrapachado na lei e que qualquer pessoa com a 4.^a classe percebia o que lá estava. Disse que se os eleitos da CDU não concordavam com o uso da lei geral para reger os trabalhos e queriam propor um regimento próprio, podiam fazê-lo, dizendo que a Assembleia iria vota-lo. Disse que até podia ajudar os eleitos da CDU referindo em seguida vários artigos do Código do Procedimento Administrativo. Disse que a lei 75 de 2013 era imperativa, mas que a mesma refere que uma das competências das Assembleia era elaborar o seu regimento, disse que essa era uma competência entre muitas e



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

disse que uma coisa era ter competência e outra ter a obrigatoriedade de o fazer. -----

----- o senhor Mário Campaniço pediu a palavra começando por cumprimentar todos os presentes. Disse que na sua opinião e também na opinião da bancada da lista independente se havia coisas que funcionavam bem, uma delas seria a Assembleia de Freguesia de Amareleja, dizendo que toda a gente tinha voz na Assembleia, toda a gente participava na Assembleia, o executivo encontrava-se virado frente a frente para o povo. Disse que na sua opinião se estavam a gastar demasiadas energias com um assunto que até funcionava bem na Amareleja. Disse que os eleitos da lista Independente não se opunham a uma votação e a uma discussão do regimento se os eleitos da CDU quisessem gastar mais tempo a discutir. Disse que o regimento era sempre uma especificação da lei e que na sua opinião se a Assembleia se estava a reger pela lei geral seria melhor do que se se estivesse a reger pelo regimento pois na sua opinião a Assembleia estava a funcionar muito bem nos últimos tempos. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia perguntou qual era a decisão da bancada da CDU relativamente à votação ou não da proposta. -----

----- O senhor Agostinho Caro disse que ficava decidido não ir à votação, uma vez que os eleitos da lista Independente já o tinham reprovado. -----

----- O senhor presidente da Assembleia disse que a proposta de Regimento dos eleitos da CDU não tinha ido à votação e que o que tinha sido votado tinha sido a necessidade da não utilização de um regimento. Dizendo que eram coisas diferentes. Perguntou o que é que queriam fazer e disse que os eleitos da CDU é que tinham requerido a Assembleia Extraordinária para discussão e votação da proposta de regimento. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que os eleitos da lista Independente já tinham manifestado a sua intenção de voto. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que ninguém tinha manifestado nenhuma intenção e que cada um manifestaria a sua, disse que



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

apenas poderia falar pela mesa pois era o seu Presidente, disse que nem todos os membros se tinham manifestado e que o Mário apenas tinha dado a entender. Congratulou-se pelo fato de estarmos em democracia e disse que gostaria de saber qual a posição dos eleitos da CDU relativamente à votação do regimento, disse mais uma vez que esta Assembleia tinha sido requerida pelos eleitos da bancada CDU e disse que ainda bem que tinha sido introduzido um segundo ponto na ordem de trabalhos, pois a discussão do primeiro ponto, na sua opinião tinha-se esgotado rapidamente, dizendo que “era uma mão cheia de nada”. Disse que do resultado que ficasse expresso na votação, caso se fizesse, não aceitaria mais requerimentos para Assembleia s com o mesmo tema, dizendo que gostaria que todos ficassem cientes. -----

----- O senhor Agostinho Caro disse que tinha sido decidido que não se votaria a proposta, uma vez que o resultado estava decidido.-----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que assim sendo retirar-se-ia da ata o ponto da votação do regimento, uma vez que o mesmo já tinha sido discutido. -----

----- A senhora Nélia disse que não se retirava nada do primeiro ponto, uma vez que a questão da votação nem constava do ponto, lembrando que o ponto dizia apenas e só “Discussão sobre a temática do regimento interno da Assembleia”. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que a temática era tudo, disse que tinha perguntado se os eleitos da CDU queriam levar o regimento à votação e que estes tinham que saber o que é que queriam fazer, dizendo eu tinham que se decidir. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que no ponto um da convocatória não constava lá nenhuma votação. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que senhora Nélia estaria a confundir tudo. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que não estava a confundir nada e que era o senhor presidente da Assembleia que estava a tentar confundir. -----



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que os eleitos da CDU tinham decidido não colocar o regimento à votação e que apenas tinha perguntado o que é que queriam fazer. Disse que tinham dito que não e que agora já queriam outra vez, perguntou se queriam ou não colocar a proposta de regimento à votação. Disse que os eleitos da CDU deveriam ter feito o trabalho de casa. -----

----- O senhor Agostinho Caro disse que depois das intervenções feitas sabiam que à partida a proposta seria chumbada. -----

----- A senhora Nélia Marvão voltou a dizer que a palavra votação não constava no ponto da ordem de trabalhos. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que eram essas as regras da democracia, e que se os eleitos da lista Independente estava em maioria e os eleitos da CDU em minoria à partida a proposta estaria reprovada, disse que os eleitos da CDU sabiam isso. -----

----- O senhor Agostinho Caro disse que podia haver um diálogo e chegar-se a uma conclusão diferente. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia perguntou porque é que não eram os eleitos da CDU a comungar da ideia da sua lista e tinha que ser o contrário.

----- O senhor José Carlos disse que não valeria a pena colocar a proposta à votação uma vez que, pelo que acabaram de ouvir, sabiam qual seria o resultado. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que já no anterior mandato, ainda sem estar em vigor a lei 75 de 2013, os eleitos da bancada da CDU de então tinham também proposto a criação de um regimento, disse que também nessa altura o mesmo tinha sido rejeitado e que durante esses quatro anos tinha regido os trabalhos pela lei geral. Disse que tinha funcionado sempre tudo bem e que nunca tinha havido problemas em nenhuma Assembleia. Disse que os eleitos da CDU agora queriam propor a existência de um regimento interno e que ele próprio e os eleitos da sua lista eram da opinião que a lei das autarquias locais é que deveria ser aplicada à condução dos trabalhos da



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

Assembleia de Freguesia, perguntou mais uma vez o que é que os eleitos da CDU pretendiam e se os eleitos da CDU queriam que colocasse a proposta de regimento à votação ou se pelo contrário pretendiam retirar a mesma. Disse que estranhava que os eleitos da CDU tivessem requerido a Assembleia e que nem entre os membros da bancada estivessem cientes do que pretendiam fazer. -----

----- Depois de discutido o assunto pelos eleitos da bancada da CDU foi decidido pelos eleitos colocar a proposta de regimento à votação. -----

----- O senhor Presidente pediu que ficasse registado o seguinte “ depois da discussão sobre a temática da necessidade ou não da existência de um regimento para a Assembleia de Freguesia, a bancada da CDU propõe o regimento constante no **(Doc. 1)**. A proposta foi colocada à votação obtendo o seguinte resultado. -----

----- Votos a favor – 4; Votos contra – 5; Abstenções – 0. -----

----- **DELIBERADO, POR MAIORIA REJEITAR A PROPOSTA DE REGIMENTO PARA A ASSEMBLEIA DE FREGUESIA, APRESENTADA PELOS ELEITOS DA BANCADA DA CDU.** -----

----- De registar que os votos contra foram dos eleitos da lista Independente. -----

----- **Ponto 2: Informação.**

----- O senhor Presidente da Assembleia, relativamente ao ponto dois da ordem de trabalhos disse que tinha vindo a ler os panfletos e documentos emanados pela bancada da CDU representada na Assembleia de Freguesia, disse que tinha visto esses panfletos e que até aqui tinha feito vista grossa. Disse que os eleitos da CDU tinham todo o direito de fazer informação ao povo da Amareleja e aos seus eleitores, desde que os mesmos não mexessem com pessoas, dizendo que “quem não se sente não é filho de boa gente”. Disse que depois de muitos panfletos e de muitos papéis terem vindo para a rua a contar à sua maneira a história dos eleitos da CDU nas Assembleias que cada um



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

tinha a sua verdade e que o povo era soberano para entender a verdade de cada lado, disse que quando esses documentos começam a roçar a arrogância, a prepotência e a mentira tudo tinha limites. Disse que gostava de em conjunto com os eleitos da bancada da CDU na Assembleia falar de algumas acusações gratuitas que os mesmos fazem à sua pessoa. Disse que tinha o direito ao contraditório e que tinha que se defender, disse que também seria muito fácil para si arranjar uns pasquins e metê-los na rua a dizer mal dos eleitos da CDU e que assim andariam numa guerra de panfletos. Disse que essa não era a sua forma de atuar, disse que os eleitos da CDU tinham vindo sempre a miúde para a rua com documentos e informação enviusada e que até à data nunca tinha vindo a terreiro para defender a sua honra, dizendo que tinha chegado o momento. Começou por falar no panfleto número sete de abril de dois mil e quinze e da parte que se refere à retirada das ajudas de custo à senhora Maria da Conceição Batista, leu o ponto número três e disse, relativamente à alusão feita aos eleitos “MRPP/PS”, que desconhecia quem seriam os eleitos MRPP/PS, disse que fazia parte de uma lista independente onde cada elemento tinha a forma de pensar e a sua cor partidária, dizendo que outros nem essa tinham tão pouco. Disse que tinham concorrido a estas eleições e às anteriores como “Unidos pela Amareleja” e que nunca lá tinham visto elementos MRPP’s, PS’s, nem nada disso. Disse que se os eleitos da CDU quisessem fazer um pouco de justiça, podiam dizer que na realidade na lista independente existem membros que pertencem a estas agremiações, mas também podiam dizer que o Presidente da Assembleia pertencia ao Partido Comunista Português, disse que os eleitos da bancada pertenciam à CDU mas que não eram os únicos comunistas. Disse que era comunista, que toda a gente o sabia porque sempre o tinha dito. Disse que era comunista mas não há maneira dos eleitos da bancada da CDU, mostrou vários documentos e disse que tinha sido dirigente da Juventude Comunista Portuguesa e que atualmente era conselheiro da Grupo Parlamentar do PCP para a área dos transportes. Disse que fazia parte de uma equipa que preparava os debates do PCP na



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

área dos transportes dizendo que fazia esse trabalho no parlamento de forma gratuita. Disse que era Comunista, mas que quando falava no comunismo, não falava naquele comunismo da Amareleja, dizendo que não comungava com esse comunismo. Disse que conhecia bem o comunismo da Amareleja, referiu os tempos em que se criaram as cooperativas, em que as terras foram trabalhadas, dizendo que depois meia dúzia deles venderam as terras, repartiram o dinheiro e que os outros ficaram sem nada. Disse que se lembrava bem desse comunismo e disse que não era o mesmo que o Partido Comunista Português comungava. Disse que isso tinha outro nome, disse que era comodismo e que era feito pelos caciques. Disse que esses comunistas, que se arrogavam comunistas à sombra da bandeira do partido, quando eram eleitos na Amareleja, ocupavam os postos de trabalho com as mulheres e os filhos sem que tivessem requisitos para tal. Disse que isso é que era o comodismo feito na Amareleja, dizendo que desse comodismo não comungava e que pertencia ao Partido Comunista Português. Disse que o tempo dos caciques já estava ultrapassado e que se viviam tempos de uma política nova. Disse que quando os eleitos da bancada da CDU faziam ataques aos membros da lista Independente do MRPP, até parecia que os MRPP's tinham peçonha, disse as pessoas do MRPP eram pessoas de grande valor. Disse que havia pessoas de outra tendência do Partido Comunista na lista Independente, mas que não se reviam na forma de fazer política do Partido Comunista na Amareleja e que os eleitos da bancada da CDU deviam respeitar isso mas que não respeitavam. Continuou a ler o folheto informativo dos eleitos da bancada da CDU e relativamente à parte em que é referido o facto de o Presidente da Assembleia de Freguesia ter retirado as ajudas de custo à senhora Maria da Conceição sem ter poderes para o fazer, disse que era mais uma mentira dos eleitos da CDU, disse que o Presidente da Assembleia tinha poderes para isso justificando esta afirmação com a lei 75 de 2013 e dizendo que a mesma refere que quem tem que assegurar o cumprimento da lei nas Assembleia de Freguesia é o seu Presidente. Disse que as ajudas de custo foram retiradas à



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

senhora Maria da Conceição por esta ter dito numa Assembleia que vivia na Amareleja há mais de 15 anos, disse que tinham sido estas declarações públicas que tinham motivado o não pagamento dessas ajudas porque a lei diz que as ajudas de custo só devem ser pagas a quem não tem residência no local onde a pessoa tinha sido eleita. Disse que na altura referiu que se houvesse um parecer jurídico diferente do seu voltaria com a palavra atrás e que voltariam a ser pagas a ajudas de custo. Disse que a senhora Maria da Conceição recorreu para a Provedoria da Justiça e que por sua vez a Provedoria da Justiça tinha emitido um parecer favorável à senhora Maria da Conceição, disse que embora os pareceres da Provedoria não fossem vinculativos voltou com a sua palavra atrás tal como tinha prometido e que as ajudas de custo tinham voltado a ser pagas. Disse que era um homem de palavra e que não era mentiroso. Continuou a ler o folheto e disse que a dada altura é referido pelos eleitos da CDU que “as verdades caem no charco de quem mente” dizendo que mais uma vez os eleitos da CDU o estão a acusar de ser mentiroso. Continuou a leitura do folheto e na parte que refere a abertura do concurso para a Junta de Freguesia e o facto dos eleitos da CDU referirem que não estavam de acordo com a constituição do Júri pois não estava de acordo com a lei, disse que mais uma vez quem estava a mentir eram os eleitos da CDU, disse que a portaria 145-A de 2011 era muito clara e no seu artigo 21.º referia que “o júri era composto por um presidente e dois vogais, trabalhadores da entidade que realiza o procedimento e ou de outro órgão ou serviço”, disse que os eleitos da CDU omitiram a parte que refere os trabalhadores de outro órgão ou serviço e que apenas referem os trabalhadores da Junta, dizendo que na sua opinião os eleitos da CDU estavam a faltar à verdade. Disse que neste caso ele era Presidente do Júri porque pertencia ao órgão deliberativo. Disse que os eleitos da CDU levavam a informação “mal lavada” a quem a vai ler. Dizendo que induziam em erro as pessoas e acusando os eleitos da bancada da CDU de falta de honestidade intelectual. Disse que tinha tido tempo de fazer um estudo comparativo com



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

outras freguesias e que tinha constatado que noutras freguesias os júris dos concursos também eram constituídos pelos eleitos dos seus órgãos. Disse que os eleitos da CDU tinham omitido a lei para lhe chamarem mentiroso, dizendo mais uma vez que isso era desonesto. Disse que este assunto tinha que ser escalpelizado e que os eleitos da CDU tinham que ouvir até ao fim, dizendo que tinha estado calado muito tempo mas que agora tinha que exercer o princípio do contraditório. Disse, referindo-se aos folhetos informativos da CDU que eram atoardas e falta de inteligência intelectual, dizendo que sabia serem propositadas e que tinham que ouvir o que tinha para dizer. Continuou a ler o folheto informativo dos eleitos da bancada da CDU e relativamente à parte que refere a passagem das casas do baldio do estado para a propriedade da Junta de Freguesia disse que tinha em seu poder protocolos assinados pelo senhor Ramalho enquanto Presidente da Junta cessante onde o mesmo se intitulava como proprietário do Baldio enquanto presidente da junta, leu parte dos Protocolos e disse que aí já não eram os compartes os proprietários do Baldio e sim a Junta, falou em incongruência da parte dos eleitos da CDU e disse que os mesmos deveriam ler a documentação deixada pelos anteriores eleitos do seu partido. Disse que havia uma delegação de competências da Assembleia de Compartes, que ainda estava em vigor. Disse que quando fizeram “o milagre das rosas” na questão do aeródromo, criaram à força e à pressa a Assembleia de Compartes, com o intuito de dar poderes à Junta de Freguesia para que na altura pudesse fazer a negociata a favor da Câmara e em prejuízo da Amareleja, dizendo que a Câmara já tinha recebido cerca de 16.000.000,00 € à conta da Central Fotovoltaica que está instalada na Amareleja, enquanto a Junta de Freguesia recebe 90.000,00 € por ano. Disse que nessa altura os compartes se tinham reunido pela calada da noite para fazerem essa delegação de competências, dizendo que essas coisas é que custavam e doíam. Continuou a ler o folheto informativo da bancada da CDU e no que respeita à questão relacionada com o Regulamento de Apascentação do Baldio, disse que era falso que o mesmo tivesse sido entregue em cima da



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

hora e disse que mais uma vez os eleitos da CDU o estavam a acusar de ilegalidades, dizendo no seu comunicado que o Regulamento ia contra a lei dos Baldios. Disse que na realidade o que a bancada da CDU queria, era que houvesse uma discussão pública daquele Regulamento. Disse que uma coisa era haver uma lei e que outra coisa era haver um regulamento sobre essa lei, disse que como esse regulamento sobre essa lei nunca tinha sido feito não era necessário haver discussão pública daquilo. Disse que era na Assembleia de Freguesia, que representava toda a população da Amareleja, que esse regulamento tinha sido votado. Disse que depois de votado o regulamento esteve trinta dias afixado e começou imediatamente a produzir efeitos. Disse que não chegava os eleitos da CDU fazerem uns comunicados, dizendo que até eram engraçados, mas que esses comunicados tinham que começar a ser honestos e verdadeiros. Disse que podiam fazer os comunicados que quisessem mas que não podiam fazer comunicados a dizer que os outros eram mentirosos, dizendo que isso ficava mal aos eleitos da bancada CDU. Disse que cada vez que os eleitos da CDU viessem para a rua com comunicados desses, convocaria uma Assembleia para desmascarar todas as mentiras, dizendo que tinha que dar também o princípio do contraditório para se poder defender. Disse que os comunicados da CDU eram umas atoardas e umas mentiras pegadas umas nas outras, disse que quem era informado, se fosse só atrás das lengas-lengas dos eleitos da CDU levava com aquela informação e ficava a pensar que na Assembleia de Freguesia eram todos uns “ilegalistas, filhos da mãe” e que andavam todos fora da lei. Disse que na Assembleia se trabalhava sempre de acordo com a lei que tudo o que saía da Assembleia era tudo legal. Disse que ninguém sujava a imagem de uma consciência limpa e que tinha a sua consciência limpa. Disse que desde há quatro anos a esta parte sempre teve a sua consciência tranquila e que andava na rua de cabeça erguida. Para concluir disse à bancada da CDU “sou comunista com muita honra, mas não sou da vossa gente”. -----



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

----- A senhora Nélia Marvão disse que se o senhor Presidente tivesse dado oportunidade de responder tema por tema seria muito mais fácil, disse que tinha despejado tudo e que isso deveria ser para fazer mais confusão e para não se lembrarem do que tinha sido dito. Disse que apesar de ser essa gente e de ter feito uma quarta classe se calhar mais fraca que a do senhor Presidente saberia responder. Disse que o senhor Presidente vinha para as Assembleia a ofender os eleitos da sua bancada, disse que ainda agora tinha ouvido o senhor Presidente dizer “não sou da vossa gente”. -----

----- O senhor Presidente disse que na sua opinião não era ofensa dizer que não era da gente da bancada da CDU e o que era realmente ofensivo era os eleitos da CDU acusarem-no nos comunicados de ser mentiroso. -----

----- A senhora Nélia Marvão pediu para não ser interrompida e disse que o que estava nos comunicados podia ser tudo provado, pois estava tudo em atas e em documentos oficiais. Disse que relativamente ao facto de o senhor Presidente ser comunista ou não disse que isso pouco lhe importava, pois não tinha nada a ver com isso. Quanto às ajudas de custo da senhora Maria da Conceição disse que não lhe parecia correto que se estivesse a falar uma vez que a pessoa em causa não se encontrava presente, disse que sobre esse assunto depois a visada falaria, mas que se a justificação do senhor Presidente retirar as ajudas à senhora Maria da Conceição era o facto de a mesma ter dito que se considerava Amarelejense, não percebia porque é que sendo também o Mário Amarelejense as mesmas ajudas lhe tinham sido atribuídas. Quanto aos concursos, leu a portaria 145 de 2011 e 83-A de 2009 e disse que no n.º 5 do artigo 21.º diz que “a composição do júri sempre que a área de formação caracterizadora do posto de trabalho releve fundamentalmente a sua conveniência, um dos membros do júri pode ser oriundo de entidade privada e deve dispor de reconhecida competência em tal área”. Perguntou se os elementos que constituem o júri teriam essas competências todas. Disse que aproveitavam as Assembleias para enxovalharem e atacarem os eleitos da CDU e fazer um teatrinho. Disse que quando o assunto era Prestação de



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

Contas a Assembleia reunia na Junta de Freguesia e que quando queriam fazer comícios a Assembleia reunia na Casa do Povo, dizendo que isso estava a acontecer na presente Assembleia e que tinha acontecido quando o assunto foi o pavilhão multiusos, a apascentação de gados e outras. Perguntou porque é que não se vinha para a Casa do Povo prestar as contas da Junta, dizendo que certamente também seria um assunto de interesse para os Amarelejenses. Disse que o senhor Presidente da Assembleia tinha aproveitado o pedido de Assembleia extraordinária dos leitos da CDU para tratar do Regimento para vir fazer um comício e atacarem os eleitos da sua lista. Disse que os comunicados se respondiam lá fora e que não valia a pena fazer uma Assembleia Extraordinária para responder aos comunicados, dizendo que assim sendo da próxima vez que os eleitos da CDU quisessem fazer um comunicado também convocariam uma assembleia extraordinária. -----

----- O senhor Presidente disse que pelo menos a lista independente dizia as coisas na cara e que os eleitos da CDU faziam-no pelas costas dizendo que isso é que era grave. -----

----- A senhora Nélia disse que não faziam nada pelas costas e que os comunicados eram públicos, disse mais uma vez que o que estava nos comunicados podia ser provado com documentos. Perguntou porque é que esta Assembleia não tinha sido na Junta de Freguesia. -----

----- O senhor Presidente disse que era ele quem marcava as Assembleias, dizendo que era da sua competência. -----

----- O senhor Mário Campaniço disse que relativamente ao comunicado, e embora estivesse lá o seu nome, tinha pouca coisa a dizer, disse que o comunicado apenas mostrava o que era a bancada da CDU. Disse que a prioridade dos eleitos da bancada da CDU não era apresentar propostas para a Amareleja ou propor alternativas e medidas que melhorem a vida dos Amarelejenses mas sim um ataque e uma luta constante contra a Assembleia, disse que os eleitos da CDU gastavam as energias todas em assuntos que não valiam a pena. Disse que relativamente ao MRPP/ PS, ainda não sabia qual



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

era o que iria escolher, disse que não tinha nenhum partido e que já tinha votado em quase todos, disse que se calhar os eleitos da CDU iriam ter que acrescentar esses partidos a esta lista, disse que votava pelos programas, consoante as pessoas e o seu pensamento, dizendo que não tinha partido definido. Disse, relativamente às ajudas de custo que não tinha nada a ver com as ajudas de custo dos outros eleitos e que não iria falar sobre isso. Disse em relação às suas ajudas de custo que tinha que se deslocar à Amareleja pois tinha a sua morada e a sua vida em Oeiras, disse que as suas ajudas de custo estavam devidamente fundamentadas com um atestado passado pela Junta de Freguesia de Aqualva e que tinha a sua vida fiscal lá embora se considere sempre Amarelejense. Disse que hoje estava lá mas isso não queria dizer que daqui a quatro ou cinco anos não possa voltar. -----

----- A senhora Nélia Marvão disse que a senhora Maria da Conceição também tinha apresentado um atestado de residência passado por uma Junta de Freguesia de Lisboa e que mesmo assim lhe foram cortadas as Ajudas. ----

----- O senhor Agostinho Caro perguntou quanto é que o senhor Mário Campaniço recebia cada vez que se deslocava às Assembleias. -----

----- O senhor Mário Campaniço disse que não tinha de cor o valor exato, mas que seriam cerca de 170,00 €. Disse que as suas ajudas estavam fundamentadas, disse que não gostaria de falar muito nas ajudas de custo da senhora Maria da Conceição mas que era verdade que estava “escarrapachado” numa ata que a senhora disse que vivia na Amareleja há mais de 15 anos. Disse em relação ao comunicado que estava lá o seu nome a dizer que tinha ofendido alguém, disse que era uma pessoa educada e que se tinha ofendido alguém pedia desculpas. Disse que não se podia catalogar uma pessoa como sendo Amarelejense por viver na Amareleja há seis ou sete anos. Disse que ser Amarelejense era outra coisa e que não bastava na Amareleja para ser Amarelejense. Disse que ser Amarelejense era saber a nossa cultura, falar Amarelejense, ser sócio das coletividades, disse que o seu clube do coração era o Grupo Desportivo Amarelejense, disse que a melhor banda do



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

país era a Banda Filarmónica da Sociedade União Musical Amarelejense, os melhores grupos corais eram os de Amareleja, disse que ser Amarelejense era isso e que era muito mais do que morar na Amareleja. Disse que na sua opinião se estava a perder tempo e a gastar energias na Assembleia com coisas que não faziam sentido, disse que se passava o tempo com queixas e a discutir as leis e que enquanto isso não se discutiam os problemas que realmente interessavam, referindo o mau estado das ruas, da rede de esgotos e do abastecimento de água. Apelou para que as próximas Assembleias sejam mais produtivas do que têm vindo a ser. Disse que sempre que se deslocava à Assembleia era uma grande honra para si e mostrou-se satisfeito por na presente Assembleia partilhar a mesa com pessoas que ele considera realmente Amarelejenses. -----

----- A senhora Nélia Marvão, respondendo ao senhor Mário Campaniço disse que ele era Amarelejense, ela era de Amareleja, o senhor José Carlos era da Póvoa e o senhor Agostinho era de Safara e o Nelson era de Vila Nova. Disse que o senhor Mário se intitulava Amarelejense e que acusava os eleitos da bancada da CDU de pseudo comunistas, disse que o senhor Mário era Amarelejense mas que tinha escolhido outra terra para viver e para produzir, dizendo que continuava na Amareleja a lutar por um amanhã melhor para os seus filhos e que tinha escolhido continuar a viver na sua terra. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que quem se ausentava da Amareleja para ir trabalhar para fora era porque não tinha encontrado oportunidades para trabalhar na Amareleja, dizendo que isso era a vida social de cada um e que a cada um dizia respeito. Gerou-se alguma discussão e foi necessário colocar ordem na Assembleia. -----

----- O senhor Presidente do Executivo cumprimentou todos os presentes e congratulou-se por a casa estar cheia, dizendo que era da maior importância que as pessoas viessem às Assembleia pois era aí que se deveriam colocar as questões e não nas tabernas. Disse que haveria quem tivesse medo do público mas que não era o seu caso nem o caso da lista independente. Disse que



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

futuramente até se poderia pensar em fazer as Assembleia sempre na Casa do Povo, disse que antigamente não havia verdadeiras Assembleias porque as pessoas não ouviam ninguém e não respondiam a nada, dizendo que até se colocavam de costas viradas para o público. Disse que uma das primeiras medidas quando tinha tomado posse foi colocar a mesa do executivo virado para o público. Disse que quem não tinha medo de ouvir o público e que para si era um prazer, disse que apesar da sala estar completa já tinha estado abarrotando e que era assim que gostava que fosse sempre. Disse que era verdade que podia ter respondido ao comunicado da CDU, disse que podiam ter respondido logo no dia seguinte ponto por ponto, disse que era um comunicado de atoardas e mentiras provocatórias. Disse que entenderam não responder por que se não entravam numa guerra de comunicados e era isso que cansava as pessoas, disse que o entendimento da sua lista era que estes comunicados fossem respondidos cara a cara e olhos nos olhos. Disse que, tal como disse o Mário, o que importava não eram as questiúnculas mas os assuntos mais importantes. Disse que toda a gente sabia que a sua lista se candidatou com pessoas de vários quadrantes e que tinham muita honra nisso, disse que aquando da formação da sua lista não foi uma questão necessária nem obrigatória saber qual era o partido de cada um. Disse que quando chamaram as pessoas para a lista apresentaram um programa e disseram que queriam uma mudança na Amareleja, disseram que queriam trabalhar e mudar, dizendo que até então não se fazia nada e que tinha existido 40 anos de Salazar e mais trinta e cinco anos de mais do mesmo. Disse que as pessoas não estavam na sua lista por uma questão partidária mas gostava de dizer que as grandes alianças manifestavam-se, não nas pequenas freguesias, mas noutros centros, dando como exemplo a aliança existente entre o PCP e o PSD na Câmara de Loures. Disse que não gostaria de perder tempo com questões menores. Disse que tinha tido a preocupação de tirar fotocópias do extrato das dívidas da Câmara de Moura à Junta de Freguesia de Amareleja e que estavam disponíveis para quem quisesse ficar com o documento, dizendo que



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

esses é que eram documentos sérios e honestos. Disse que se tinha atacado o Mário porque ele disse que se roubava dinheiro à Junta de Freguesia, disse que isso era uma verdade e que podia haver quem lhe chamasse outro nome, dizendo que se dava dinheiro a todas as freguesias exceto à Amareleja por ter mais de 2000 habitantes. Perguntou o que era isso afinal? Disse que com base nisso e noutras questões havia um processo relativo aos antigos protocolos que estava em Tribunal, disse que era pena que as coisas não se resolvam de uma forma célere e que se arrastem, dizendo que a Amareleja continuava a ser prejudicada. Disse que o Mário tinha referido uma quantia de um investimento de 75.000,00 € e que se teria dito que havia um financiamento e que afinal a Câmara só iria pagar uma parte, disse que o Mário não tinha dito nenhuma mentira e havia esse investimento. Disse que tinha o extrato das dívidas e que tinha tido o cuidado de trazer o último do mês que passou, disse que no final do mês de março a dívida era de 198.847,32 € e no final de abril a dívida da Câmara à Junta era de 200.196,00 €, dizendo que isso é que era importante dizer-se. Disse que esta dívida tinha vindo a aumentar cada vez mais, dizendo que o único objetivo, uma vez que não tinham conseguido ganhar as eleições, era o de fechar o torniquete, para depois virem para a rua dizer que a Junta deve aqui e acolá. Disse que se a Câmara pagasse o que deve à Junta, a Junta não deveria nada a ninguém e ainda sobrava algum dinheiro. Disse que mesmo assim a Junta de Freguesia tinha feito muita coisa e continuaria a fazer. Disse que a Junta de Freguesia tinha uma boa gestão e que mesmo com pouco dinheiro fazia muito, dizendo que do velho se fazia novo. Deu o exemplo do parque infantil que tinha sido instalado no Baldio e que tinha equipamentos do antigo parque da Torre do Relógio e do abrigo de passageiros que foi instalado junto à EBI que era o antigo banco de suplentes do GDA. Disse que todos os dias se recuperavam coisas na Junta porque a Junta tinha uma equipa de trabalhadores que sabia fazer as coisas e as fazia. Disse que dois terços do dinheiro que vinha para a Junta de Freguesia era investido na parte humana, atendendo à tragédia que existe de desemprego e miséria. Disse que



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

se não fossem instituições como a Junta, a Câmara, a Escola e o Centro Social ainda a miséria era maior, dizendo que no que respeita às empresas, as que não faliram estavam em vias de falir. Disse que estava a ser votada uma proposta na Assembleia Municipal sobre a Zona Industrial da Amareleja, disse que não estava contra a Zona Industrial da Amareleja, mas que já deveria ter sido feita há mais de 20 anos e não agora quando a maioria das empresas já estavam falidas. Disse que era exatamente como o Governo, que quando quiser vir recuperar a economia nacional, já o país está completamente falido, dizendo que se tinha acabado com tudo e que um país falido era um país de miséria e sem futuro. Disse que era um país colonizado, referindo-se aos espanhóis, aos alemães e aos chineses. Disse que isto é que eram verdades e que levaria duas ou três horas a falar sobre esta e sobre outras matérias. Disse que o que gostaria de referir na Assembleia, dizendo que esta é que era a parte importante, era o boicote e o garrote que a Câmara tentava aplicar à Junta de Freguesia. Disse que o que estava a dizer na Assembleia, dizia em todas as Assembleia Municipais e que perguntava sempre ao senhor Presidente da Câmara quando é que pagava aquilo que devia, dizendo que umas vezes respondia-lhe e que outras vezes, como já era habitual, o ignorava. Disse que isso também acontecia com os ofícios e que um dia tinha levado para a Assembleia todos os ofícios, tendo questionado o senhor Presidente sobre a falta de resposta aos mesmos. Relativamente à intervenção do senhor Mário Campaniço na última Assembleia, quando referiu que a Amareleja estaria a ser roubada, perguntou o que dirão os Amarelejenses sobre isto, disse que muitos não diziam nada porque não sabiam o que se passava. Relativamente ao facto de o comunicado dos eleitos da CDU referir que a Câmara tinha muitas obras em curso na Amareleja, disse relativamente à obra das Cancelinhas que essa questão tinha sido mais do que escarpelizada na altura, disse que a Junta tinha um espaço ótimo para se fazer um bom pavilhão multiusos, referindo-se ao espaço da Esplanada Mercedes, e que o que se estava a fazer nas Cancelinhas não era nenhum pavilhão multiusos,



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

disse que não tinha as dimensões exigidas para jogo nenhum, que não podia ter bancadas porque não tinha espaço, disse que não valia a pena dizer mais nada porque estava à vista de todos, dizendo que uns queriam ver e outros não. Disse que no espaço da Fábrica se “matavam dois coelhos com uma cajadada só” pois construía-se o pavilhão e limpava-se aquele espaço todo. Disse que o problema da Câmara não querer construir ali o pavilhão tinha a ver com a propriedade daquele espaço, dizendo que o mesmo era da Junta de Freguesia. Disse que se o problema era esse a Junta até tinha feito uma cedência do espaço por cinquenta ou cem anos, dizendo que o que era preciso era que tivesse sido feito e que não se fizessem asneiras. Referiu em seguida o projeto da Torre do Relógio e disse que o comunicado referia uma verba de 250.000,00 €, disse que já se vinha falando da cobertura da Torre do Relógio há mais de seis meses ou um na, mas que nada ainda tinha começado. Disse que o chamado pavilhão também era feito em seis meses e que as coisas depois se iam arrastando e que provavelmente o mesmo seria inaugurado vésperas das eleições, dizendo que o que era preciso era que fosse antes e que já que não serve para tudo que sirva pelo menos para alguma coisa. Relativamente às obras nas casas do Baldio, disse que os eleitos da CDU tinham acusado a Junta de Freguesia de “fazer filhos em mulheres alheias” e que relativamente à obra da Torre do Relógio, que era propriedade da Igreja, já não se “faziam filhos em mulheres alheias”, dizendo que achava muito bem que se fizesse a obra e que se fosse feita com dignidade que teria utilidade de verão e de inverno. Disse que a certa altura o comunicado da CDU referia que “o Presidente da Junta andava irritado com as iniciativas e as obras que se iam realizando”, disse que andava irritado era com as poucas obras que se faziam, dizendo que essas eram mal feitas. Disse que se congratulava com tudo o que se fizesse se fosse bem feito, disse que era verdade, e que não tinha nenhum problema em admitir que havia melhorias visíveis no Barranco de Vale de Juncos, muito embora estivesse ainda para ver como é que iria ficar o Barranco depois de tapado. Disse relativamente à reparação de pavimentos, que é



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

referida no comunicado da CDU, e ao empréstimo de 30.000,00 que a Câmara terá contraído para fazer essas obras, que esse empréstimo já teria sido autorizado há mais de um ano, disse que não era um empréstimo de 30.000,00 € mas sim um empréstimo de quase 1.000.000,00 €, que teria sido autorizado pela Assembleia Municipal. Disse que não sabia quantos buracos é que a Câmara conseguiria tapar com esses 30.000,00 €, dizendo que na sua opinião seria difícil, disse que no entanto tudo o que se fizesse seria bom, mas que ainda não se tinha feito. No que respeita à aprovação do Plano da Zona Industrial, disse que até já estava russo de ouvir falar nesta Zona Industrial, disse que tinha participado em muitas reuniões, ainda quando havia uma série de pessoas na Amareleja interessadas, disse que atualmente tinha impressão que ninguém queria ir para lá. Disse que se a Zona Industrial estivesse construída quando se instalou a Fabrica de Painéis, provavelmente a mesma teria sido instalada na Amareleja em vez de ir para Moura. Disse que tinha sérias dúvidas relativamente à Zona Industrial e que estava bastante pessimista relativamente a essa questão, mas que esperava estar enganado e que corresse bem. Falou novamente na questão da Lista MRPP/PS, dizendo que estava na moda e contou o episódio passado na Assembleia Municipal relativamente a este assunto, referindo-se a uma moção revolucionária sobre o 1.º de Maio que tinha apresentado e que tinha sido chumbada com os votos contra do PS e do PCP. Relativamente à atuação do Mico da Câmara Pereira e ao facto de se ter pago a este 1.300,00 € e não se ter pago ainda nada à Banda da Sociedade Filarmónica, disse que se esse valor não estava nas contas e também não se encontrava em dívida era porque o mesmo ainda não tinha sido pago. Disse que tinha havido uma conversa com o Presidente da Sociedade Filarmónica, em que teria ficado acordado que não havia condições para pagar esse serviço na altura, mas que se haveria de pagar, dizendo que tinha ficado acordada uma verba de cerca de 500,00 €. Disse que não havia só intenção de se pagar esses 500,00 €, mas que se iria pagar muito mais. Disse havia também a intenção de continuar a fazer aquilo que tinha sido feito,



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

referindo-se às obras. Disse que quando se estava a fazer obra, estava a dar-se trabalho às pessoas, referiu a carta de agradecimento da direção do Grupo Desportivo, onde a Junta tinha colocado cinco ou seis trabalhadores durante vários meses, e disse que se tinham feito obras na Sociedade Filarmónica, na Sociedade Recreativa, na Igreja e em vários outros sítios, citando um provérbio chinês disse “não lhe dê o peixe, ensina-o a pescar”. Disse que se estava a fazer obra e que era para isso que cá estavam, disse que quando se dava o dinheiro, o mesmo gastava-se e desaparecia. Continuou a ler o comunicado e no que respeita ao facto de os eleitos da CDU dizerem que os Presidentes da Junta e da Assembleia não eram donos do povo, disse que concordava, e que nem o povo o permitiria dizendo que o povo não era nenhum cão. Disse que o povo tinha sido tratado por alguns indivíduos como um cão, mas que esses indivíduos talvez ainda venham a ser mordidos a sério, disse que o povo sabia bem o que tinha que fazer, disse que donos eram antigamente quando não ouviam ninguém ou quando por exemplo nas costas do povo venderam o Campo da Aviação, sem consultarem ninguém. Disse que isso é que era ser donos e que o seu executivo dava a cara na Assembleia e onde quer que fosse necessário. Disse que tinha sido dito e redito pela grande maioria que não estavam de acordo com o chamado pavilhão multiusos, disse que se foi para a Assembleia Municipal e a mesma votou contra o início das obras sem que se chegasse a um consenso para se mudar de opinião, disse que ainda assim a Câmara foi totalmente contra. No que respeita à questão da apascentação no Baldio, disse que era uma questão que se discutia muito nos cafés, mas que na sua opinião o que era importante era que essa questão se discutisse na Assembleia. Perguntou se a intenção da CDU seria a de que o Baldio estivesse ao abandono e que cada um pastorei por onde queira e que não haja nenhuma obrigação, dizendo que era isso que vinha acontecendo à muitos anos. Disse que agora que se pretende implementar um Regulamento para criar regras, vinham os eleitos da CDU dizer para não fazerem caso. Disse que ia haver regras e que a Assembleia legislava e o executivo executava, disse que o



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

Regulamento tinha sido aprovado na Assembleia por unanimidade, depois de a CDU dizer que achava os valores altos. Disse que já tinha tido um reunião com todos os proprietários do gado que habitualmente apascentam no Baldio e que tinha informado os mesmo que esse dinheiro seria para aplicar no Baldio, melhorando até as condições dos próprios proprietários, disse que com essa receita a Junta não ficaria rica, mas que pelo menos se harmonizavam as situações. Disse que este ano como já se estava praticamente a meio se tinha acordado pagar seis meses e que em dezembro se se chegasse à conclusão que os valores eram altos, se poderia trazer o assunto novamente à Assembleia e rever esses mesmos valores. Disse que havia uma grande abertura para tratar desse assunto e que não havia preconceitos nenhuns relativamente a essa matéria. Disse que falava com toda a gente todos os dias, disse que lhe pediam trabalho e que tinha pena de não conseguir dar trabalho a toda a gente, falou na dificuldade de arranjar verbas para os materiais. Disse que havia uma coisa engraçada no comunicado, referiu-se à transferência do Baldio para a posse da Junta, disse que o comunicado referia que passado seis meses das negociações, as casa continuavam a ser propriedade do estado, disse que havia uma contradição, na medida em que mais à frente os eleitos da CDU diziam no comunicado que as casas eram pertença dos compartes. Perguntou se afinal as casas eram do estado ou eram dos compartes. Disse que a Junta estava a gerir o Baldio porque estava legitimada para o fazer, disse que neste momento só havia desacordo porque a Junta já não era “da mesma cor”. Disse que se calhar era melhor a Junta não ter feito nada e ter deixado o Baldio ao abandono, disse que havia muitos senhores que se irritavam por esta Junta fazer coisas, referindo vários exemplos de obras já realizadas. Disse que para esses senhores seria muito melhor que assim fosse e que assim estariam muito mais à vontade nas próximas eleições para as poderem ganhar. Disse que com este tipo de comunicados não sabia se esses senhores conseguiriam ganhar, disse que da outra vez tinham perdido por 4 votos e que nas últimas eleições tinham perdido por 250, disse que ainda



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

assim havia quem se referisse ao Presidente da Junta como “esse senhor que se intitula Presidente da Junta”, dizendo que o acusavam de não ter legitimidade para tal. Falou nos resultados das eleições e disse que por um se ganha e por um se perde, dizendo que aqueles que estão é que tinham sido votados democraticamente. Falou nas verbas do IMI e perguntou se as pessoas sabiam quanto é que a freguesia de Amareleja pagava às finanças, dizendo que esse dinheiro depois ia para os cofres da Câmara. Disse que a freguesia de Amareleja tinha pago no ano 2013 126.378,00 €, falou nos valores pagos pelas restantes freguesias e disse que a freguesia de Amareleja era a que mais contribuía no concelho. Falou nas verbas do Fundo de Financiamento de Freguesias, pago pelo estado, dizendo que a Freguesia de Amareleja também aí era prejudicada por ter menos área que as outras freguesias, dizendo que a Amareleja era a freguesia com mais habitantes. Disse que no antigo Protocolo de Delegação de Competências, a Câmara dava à freguesia de Amareleja uma verba de cerca de 60.000,00 € enquanto dava 23.000,00 € ou 24.000,00 € para a Póvoa e para as outras freguesias, dizendo que esse valor era proporcional ao número de habitantes. Falou no Programa de Apoio às Localidades do Concelho, disse que os critérios eram outros, e que a freguesia de Amareleja recebia o mesmo valor que as outras freguesias, perguntou se as outras freguesias teriam as mesmas ruas para varrer, se teriam os mesmos espaços para cuidar, se teriam um cemitério tão grande como o de Amareleja e disse que a freguesia de Amareleja recebia o mesmo valor porque segundo a opinião de alguns seria uma freguesia rica, porque recebia muito dinheiro das rendas da Central Fotovoltaica. Disse que tinha feito umas contas por alto e que se a Junta recebia à volta de 90.000,00 € por ano das rendas, era porque a Central tinha sido instalada em terrenos da freguesia, deu o exemplo da Madeira e do Algarve e disse que não se podia roubar aos outros aquilo que não se tinha. Disse que dos 16.000.000,00 € que a Câmara já tinha recebido e que já tinha gasto, a Junta de Freguesia mesmo recebendo esses 90.000,00 € por ano, durante os próximos 40 anos iria receber cerca de



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

3.600.000,00 €. Disse que a Câmara já tinha recebido esse dinheiro e que a Junta ia recebendo todos os anos, disse que bastava a Câmara pôr esse dinheiro a render para ganhar quase tanto como o que a Junta recebe. Disse que isso é que eram verdades que tinham que ser ditas. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que neste ponto que dizia respeito à Informação a informação que pretendia dar estava dada, perguntou se alguém queria intervir. -----

----- A senhora Nélia Marvão apresentou os parabéns ao senhor Presidente do executivo pelo excelente comício que acabara e fazer, dizendo que tinha sido essa a intenção da marcação desta Assembleia. Disse que só era pena que o senhor Presidente do executivo não tivesse discursado assim na última Assembleia, aquando da Prestação de Contas. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia perguntou se mais alguém queria intervir. Não havendo mais intervenções, disse que esta parte da Informação tinha ficado escarpelizada e que toda a gente teria ficado ciente daquilo que se pretendia transmitir, disse que não se tinha tratado de nenhum comício, nem os eleitos da CDU poderiam levar isso para esse lado. Disse que se assim fosse, os eleitos da CDU faziam um comício diário com os panfletos que diariamente mandavam para a rua. A senhora Nélia tentou intervir, dizendo que os eleitos da CDU não marcavam Assembleia para fazer comícios, o senhor residente da Assembleia pediu para não ser interrompido. Disse que os eleitos da CDU tinham que também ficar na expectativa de ter que ouvir o contraditório dizendo que “quem com ferro mata, com ferro morre”. Disse que, conforme já tivera oportunidade de referir, não faziam jogo de papéis, dizendo que na sua opinião isso não enriquecia em nada o conhecimento da população e aquilo que queriam tratar, dizendo que não era mais do que o bem-estar dos Amarelejenses. Disse que aceitava discutir propostas sérias que servissem os ensejos dos Amarelejenses, dizendo que era para isso que existiam os eleitos na Assembleia de Freguesia. Disse, dirigindo-se aos eleitos da CDU e referindo-se aos comunicados, que quando faziam este tipo de politiquice



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

tinham que ficar na expectativa de depois ter que ouvir a parte do contraditório, disse que os comunicados da CDU roçavam já a ofensa e muito do que era condenável. Disse que os eleitos da CDU podiam continuar à vontade a fazer os comunicados da forma que entendessem, mas que não ofendam as outras pessoas. Disse que podiam continuar com as meias verdades, disse que o povo era soberano e que de certeza que entenderá quem é que tem a verdade e que na altura das eleições com certeza que saberia fazer a sua escolha. Pediu para não fazerem comunicados a ofender as outras pessoas, dizendo que ninguém tinha na Assembleia ofendido os eleitos da CDU e que nem ele permitiria que isso acontecesse. Disse que nesta questão julgava que estavam entendidos e que mesmo sendo uma assembleia extraordinária iria também dar a palavra ao público presente. -----

--

----- Pediu a palavra a senhora Susana Valente e disse que tinha ouvido nesta Assembleia uma série de afirmações, a que não iria chamar mentiras, mas que na sua opinião deixavam muito a desejar. Disse que na última Assembleia de Freguesia tinha sido ofendida, dizendo que a tinham chamado de ignorante e outsider e que tinha sido colocada para fora da Junta de Freguesia, dizendo que não conhecia legitimidade a nenhum cidadão presente para o fazer. Disse que tinha sido apelidada de “comissária” do Partido Comunista, esclarecendo que não o era e disse que tinham feito uma série de acusações à sua pessoa. -----

----- A senhora Nélia Marvão pediu para intervir e perguntou ao senhor Presidente da Assembleia se era permitido tirar fotografias na Assembleia, dizendo que a senhora Sílvia estava a fazê-lo. -----

----- O senhor Presidente respondeu que não era permitido gravações nem de imagem nem de som, sendo apenas permitido fazê-lo com o equipamento da Junta de Freguesia e para efeitos de elaboração da Ata. -----

----- A senhora Susana Valente continuou a sua intervenção e disse que se tinha falado na Assembleia de roubos que a Câmara Municipal de Moura teria



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

feito à freguesia, disse que já tinha ouvido falar pela terceira ou quarta vez nos 16.000.000,00 € e que ninguém tinha esclarecido a que se referiam realmente esses 16.000.000,00 €, perguntando de onde provinham e onde tinham sido aplicados. Disse que se tinha dito uma coisa terrífica, referindo o facto de se ter dito que o anterior terreno do aeródromo teria sido vendido pela anterior Junta de Freguesia. Disse que isso era falso e que a anterior Junta de Freguesia tinha adquirido esse terreno, dizendo que desse terreno recebia rendas e que essa é que era a verdade que deviam dizer ao povo. Disse que relativamente aos compartes e às casas do Baldio, que as casas eram do estado e que a Junta recebia o dinheiro por conta dos compartes, dizendo que o Baldio pertencia aos compartes. Disse que relativamente ao facto de a Junta cobrar verbas por apascentação de gados, disse que desconhecia o regulamento, mas que o Baldio era do povo e não da Junta de Freguesia. Disse que o povo em tempos tinha decidido por convénio ou por contrato atribuir a gestão daquele espaço à Junta de Freguesia, mas que gostava de deixar bem claro que o Baldio era do povo. Disse que tinha sido falado o nome do senhor Ramalho e sobre um contrato em que o senhor Ramalho se dizia dono, dizendo que o senhor Ramalho era efetivamente dono da parte que dizia respeito ao Campo de Aviação. Disse que o Presidente da Assembleia devia mostrar esse contrato, e que se alguém tinha tentado enviesar a verdade, tinha assistido a essa tentativa quando ouviu a intervenção do senhor Presidente do Executivo, referindo-se à questão da venda do aeródromo. Relativamente à questão do pavilhão multiusos, disse que tinha ouvido falar numa coisa muito engraçada. Disse que o projeto para o pavilhão multiusos tinha estado em discussão pública e que depois disso tinha sido aprovado. Disse que quando chegou o momento de construir o Pavilhão, porque o presidente da Junta tinha mudado, já não se queria ali e queria-se noutra sítio. Disse que desconhecia se um projeto destes depois de aprovado se poderia assim facilmente mudar para outro sítio e que não sua opinião não era muito sério dizer isso. Disse que o Presidente do Executivo tinha referido que teria feito muita obra, disse que não



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

via isso e que na sua opinião não via ela e também não via muita gente. Seguidamente falou no facto de o senhor Mário receber ajudas de custo e a senhora Maria da Conceição não receber, disse que tinha estado atenta à discussão e que não percebia que raio de país era este onde havia dois pesos e duas medidas, referindo-se em seguida à situação de cada um dos visados e dizendo que na sua opinião estavam ambos em circunstâncias análogas e ambos teriam direito às referidas ajudas. Gerou-se em seguida alguma discussão. A senhora Susana Valente disse que havia alguma confusão relativamente ao facto de as pessoas serem ou não Amarelejenses mas que acima de tudo considerava-se portuguesa, disse que se o senhor Mário na última Assembleia a tinha colocado para fora da Junta, provavelmente seria também da opinião que não teria direito a viver na Amareleja, dizendo que se calhar o senhor Presidente da Assembleia também seria dessa opinião e assinava por baixo. No que respeita às contas, disse que na sua opinião as contas não tinham sido prestadas na última Assembleia, disse que faltavam documentos, referindo concretamente o Balanço de Gestão e o Inventário. Disse que não havia nenhum resumo de contas e que a Junta não tinha prestado contas ao povo, disse que tinha interpelado os membros do Executivo e que tinha feito perguntas dizendo que tinha sido acusada de ter feito acusações. Disse que os eleitos da lista independente vinham para a Assembleia dizer a verdade ao povo e que não mostravam as contas, dizendo que não as queriam apresentar. Perguntou em seguida porque é que as contas não eram apresentadas, perguntou porque é que não era apresentado o Inventário e perguntou porque é que estavam a desaparecer coisas da Fabrica de Moagem. Dirigindo-se ao Executivo disse que estes não queriam apresentar contas ao povo, disse que tinha sido referido pelo senhor Presidente do Executivo que se gastava muito dinheiro em pessoal e perguntou qual pessoal, perguntando se seria aquele pessoal que era contratado por dois ou três meses e que após esse tempo ia para a rua. Disse que se faziam promessas de contratos e que ao fim de mês e meio ou dois meses estava tudo na rua,



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

perguntou se era com esse pessoal que a Junta gastava o dinheiro ou se seria antes nos grandes almoços de certos elementos do Executivo e das suas auto remunerações, disse que toda a gente tinha recebido cortes nos seus vencimentos e que o Executivo da Junta de Freguesia se tinha aumentado uma grade quantidade, perguntou porque é que não se diziam estas coisas ao povo. Dirigindo-se ao senhor Presidente da Assembleia disse ter muitas dúvidas sobre o seu comunismo, dizendo que ia saber se o mesmo era de facto comunista. Disse sobre a questão dos protocolos com a Câmara, que a Junta de Freguesia não queria assinar os mesmos, e que depois vinha dizer que a Câmara devia dinheiro à Junta. Relativamente à acusação feita à Câmara, sobre a verba da Exposição que tinha sido referida na última Assembleia, disse que fazer cultura não era roubar o povo, dizendo que também se tinha dito isso. Disse que nem só de pão o povo vive e que a cultura fazia falta ao povo. Disse, relativamente aos comunicados dos eleitos da CDU, que o senhor Presidente da Assembleia tinha dito que ofendiam as pessoas, disse que não tinha os comunicados nem os artigos de jornal emitidos pelos eleitos da lista Independente consigo, mas que numa próxima Assembleia ia ter o prazer de os mostrar, dizendo que depois se veria quem é que ofendia quem. Disse que se recordava do primeiro comunicado da lista Independente, após terem tomado posse, que se referia aos “derrotados da CDU”, disse que se recordava do que tinham chamado à doutora Conceição quando esta disse que o que recebesse de ajudas de custo iria ser entregue a pessoas necessitadas de Amareleja, disse que se recordava dos artigos dos jornais com as ofensas que o senhor Presidente do Executivo fazia ao doutor Santiago Macias. -----
----- O senhor Presidente da Assembleia disse que esta intervenção da senhora Susana Valente não lhe merecia grande reflexão, disse que a mesma se tinha referido às contas da Junta, dizendo que as mesmas devem ser mostradas ao povo, disse que as contas da Junta eram públicas, dizendo que sendo públicas qualquer cidadão poderia ter acesso às contas. Disse que as freguesias eram fiscalizadas pelo Tribunal de Contas e que portanto o discurso



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

de defensora da verdade ficava muito bem à senhora Susana, mas também defendia a verdade, dizendo que ninguém estava a esconder nada. Disse que relativamente às ajudas de custo não iria dar a benesse de a senhora Susana entrar nessa discussão uma vez que a senhora não era parte integrante do pseudo litigio que tinha existido, disse que as ajudas de custo tinham sido discutidas internamente. Relativamente aos artigos de jornais, disse que também estes eram públicos. Disse que se eram ofensivos ou não, os visados é que tinham que se mostrar ofendidos, disse que a senhora Susana seria uma defensora dos pobres e dos oprimidos, e disse que assim sendo tinham uma nova “madre Teresa de Calcutá”. Disse que os artigos publicados nos jornais tinham tido resposta, referindo-se ao doutor Santiago Macias, e disse que a senhora Susana deveria ter também a outra parte que também tinha sido publicada na Planície. Disse que a senhora Susana Valente, com a sua intervenção, tinha induzido a Assembleia e todos os presentes em erro, dizendo que ninguém a tinha posto fora da Assembleia. Disse que o que com certeza se terá passado é que alguém no calor da discussão terá usado palavras que terão dado a entender isso, dizendo que não se tinha apercebido disso. -----

----- Pediu a palavra o senhor Tiago Batista que perguntou de quem era o Baldio, de quem eram as árvores e de quem eram os montes. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que era do povo de Amareleja, dizendo que neste momento as casas ainda estavam em negociação. -----

----- O senhor Tiago Batista disse que já uma vez tinha pedido para ter acesso a qualquer tipo de projeto da Junta para o Baldio, disse que esse acesso lhe teria sido negado e disse que se as coisas eram tão transparentes, não percebia porque é que não podia ter acesso a esses processos. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que não percebia a que processos se estava a referir o senhor Tiago Batista. -----

----- O senhor Tiago Batista perguntou se havia algum projeto para o Baldio.



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que o que se tem falado nas Assembleia era que a Junta estava a tentar preparar um projeto, que ainda não existia, para a piscina. Disse que ainda se estava em conversações com o ICNF para concretizar a transferência definitiva do Baldio para a Junta, dizendo que esta por sua vez estava mandatada pelo povo de Amareleja para fazer esse acordo. -----

----- O senhor Tiago Batista disse que se fala de um grande projeto para o Baldio, mas que até agora se tem ido fazendo algumas coisas, dizendo que ainda bem que se tem feito. Perguntou se havia algum plano relativo à prevenção contra incêndios. -----

----- O senhor Presidente respondeu que em tempo oportuno, quando esse projeto ficasse concluído iria com certeza poder ter acesso ao mesmo. -----

----- O senhor Tiago Batista perguntou se não poderia ter acesso antes para poder dar a sua opinião, perguntando se não tinha esse direito e dizendo que certamente o projeto sairia antes da obra. Voltou a perguntar se efetivamente o Baldio era do Povo, dizendo que depois do que tinha ouvido nas várias Assembleia a que tinha assistido, e das várias opiniões sobre o assunto, tinha dúvidas em relação a isso. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que não havia dúvidas quanto a isso e que neste momento a única questão pendente prendia-se com a propriedade das casas. Falou na lei dos Baldios e disse que depois de várias alterações feitas ao longo dos tempos, a titularidade dos Baldios pertencia por lei aos povos. -----

----- O senhor Tiago Batista perguntou que instrumentos existiam ao nível da prevenção de incêndios. -----

----- O senhor Presidente da Assembleia disse que ao nível da prevenção de incêndios tinha a ver com parte civil, referido concretamente a Câmara Municipal, a proteção Civil e os Bombeiros, dizendo que o Presidente da Junta de Freguesia também fazia parte desse grupo de pessoas que faziam parte de uma comissão criada para esse efeito. -----



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

----- O senhor Presidente do Executivo, respondendo ao senhor Tiago Batista, disse que no que respeita ao tal projeto, já tinha dito uma vez que não havia nenhum projeto. -----

----- O senhor Tiago Batista perguntou como é que já se fala numa piscina no Baldio, quando afinal ainda nem sequer existia o projeto. -----

----- O senhor Presidente do executivo pediu para não ser interrompido e disse ao senhor Tiago que não lhe podia exigir um projeto que ainda não existia. Disse que existia a ideia de um projeto. -----

----- O senhor Tiago Batista disse que o artigo publicado pelo Jornal A Planície falava num projeto. -----

----- O senhor Presidente do Executivo disse que não tinha sido ele a escrever essa notícia e que a verdade era que esse projeto não existia mas sim uma ideia de projeto. Disse que o senhor Tiago e outros amigos na realidade deviam estar muito preocupados com o que se vai passar, disse que já tinha percebido isso. Falou no fato de ter sido acusado pelos eleitos da CDU de ficar irritado com as obras que a Câmara fazia na Amareleja, disse que se congratulava com essas obras desde que fossem bem feitas e disse que eram os eleitos da CDU que se sentiam incomodados com a eventualidade de se virem a fazer mais coisas no Baldio. Disse que não tinha nada escondido na manga, disse que havia a ideia de se fazer uma piscina biológica no Baldio, mas que daí até ao projeto e à concretização da obra ainda faltava muita coisa. Disse que não era daqueles indivíduos que fazia publicidade a coisas que ainda não estavam concretizadas ou em vias de estarem, disse que havia mais de seis meses que se falava da cobertura do Relógio, e que viesse quanto antes, disse que havia vinte anos que se falava na Zona Industrial e que estava para ver quando é que isso se concretizaria. Disse que relativamente ao projeto para o Baldio, não podia explicar ou mostrar o que ainda não existia. Quanto à segunda questão que foi colocada pelo senhor Tiago Batista, relacionada com a prevenção de incêndios, disse que se o mesmo não sabia, queria informá-lo que a prevenção de incêndios era tudo centralizado pelo CDOS. Dizendo que



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

existia uma comissão que tinha sido eleita, da qual também fazia parte e da qual faziam parte muitas outras pessoas e entidades. Informou que tinha estado presente numa reunião em Beja com o vice comandante dos Bombeiros. Disse que atendendo à mata que existia na freguesia de Amareleja, esta era uma grande preocupação, referindo o incidente ocorrido na semana anterior. Disse que estava em preparação um Plano de Prevenção contra incêndios da responsabilidade do município de Moura e que tinha tido a informação através do doutor Rafael Reis, geógrafo da Câmara, que o referido Plano ficaria concluído em Junho. Disse que esta era a informação que tinha relativamente a esta matéria e que já tinha dado conhecimento disso aos eleitos da CDU por escrito. Disse que a Junta de Freguesia tinha um Kit de primeira intervenção junto ao monte do Baldio, dizendo que o mesmo se encontrava abandonado no estaleiro da Junta e tinha sido recuperado. Disse ainda que a Junta tinha um guarda em permanência vinte e quatro horas no Baldio e que esta era a forma de prevenção que a junta conseguia neste momento. -----

----- O senhor Hugo Fialho pediu a palavra, cumprimentou os presentes, disse que era Amarelejense nascido orgulhosamente na Amareleja. Disse que gostaria de fazer um pedido expresso à bancada da CDU e pediu para repensarem muito bem cada vez que quisessem pedir Assembleias extraordinárias, disse que tinha ouvido o senhor Presidente da Assembleia dizer que cada Assembleia custava aos cofres da Junta cerca de 500,00 €, disse que esse dinheiro não daria para muito, mas que daria para fazer alguma coisa. Disse que na sua opinião, se não tivesse sido introduzido o segundo ponto na ordem de trabalhos, se teria saído da Assembleia passada meia hora com “uma mão cheia de nada”. Pediu à bancada da CDU para repensar bem a sua posição, ou então que pelo menos contratassem um assessor jurídico que os ajude a interpretar melhor as leis. Disse que os eleitos da CDU tinham convocado uma Assembleia extraordinária para discutir uma proposta de regimento que na sua opinião não tinham sabido apresentar. Disse que na sua



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE AMARELEJA

opinião os eleitos da CDU deviam fazer melhor o trabalho de casa e que contratassem um assessor jurídico, para da próxima vez evitarem a convocação de uma Assembleia extraordinária poupando aos cofres da junta de Freguesia esses 500,00 €. -----

----- Não havendo mais assuntos a tratar o senhor Presidente da Assembleia, António Branco Angelino, agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão eram zero horas. -----

APROVAÇÃO DAS DELIBERAÇÕES EM MINUTA-----

----- A fim de produzir efeitos imediatos, foi deliberado por unanimidade aprovar em minuta o texto da deliberação do ponto número um da ordem de trabalhos. -----

----- Para constar e devidos efeitos foi por mim, Cidália Maria Rita Guerreiro, Assistente Técnica da Junta de Freguesia de Amareleja, redigida a presente ata, sob a responsabilidade do 1.º Secretário Manuel Estevão Marques Martins, a qual vai ser presente a todos os membros com vista à sua aprovação e subscrição pela mesa da Assembleia. -----

PRESIDENTE: _____

1º. SECRETÁRIO: _____

2º. SECRETÁRIO: _____